



VIOÊNCIA CONTRA A MULHER NO PARANÁ

Fernanda Shizue Nishida¹, Isabella Chagas Lel², Karina Folchini Ribas³, Nathália Marianne de Moura Marques⁴

RESUMO: Estudo transversal objetivou caracterizar notificações de violência contra a mulher no Paraná. Incluiu-se 22362 notificações de violência em mulheres do Sistema de Informação de Agravos de Notificação. Verificou-se aumento ao longo dos anos, 68,85% eram brancas, com baixa escolaridade (43,14%), 75,40% sofreram violência física, praticada pelo cônjuge (31,82%). Houve óbito em 1,07%. É crescente a necessidade de políticas públicas para redução do agravo e proteção das mulheres em vulnerabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Epidemiologia; Saúde Coletiva; Saúde da Mulher; Violência.

1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde estima que aproximadamente 30% das mulheres nas Américas são vítimas de violência praticada por seus parceiros, a prevalência de violência onde o agressor não é o parceiro situa-se próximo dos 11% (WHO, 2013). A violência contra a mulher é denominada “violência de gênero” pela relação à condição de subordinação da mulher na sociedade (MARINHEIRO, VIEIRA, SOUZA, 2006). O problema traz diversas repercussões negativas para a saúde das mulheres e sua qualidade de vida (SCHRAIBER et al, 2002).

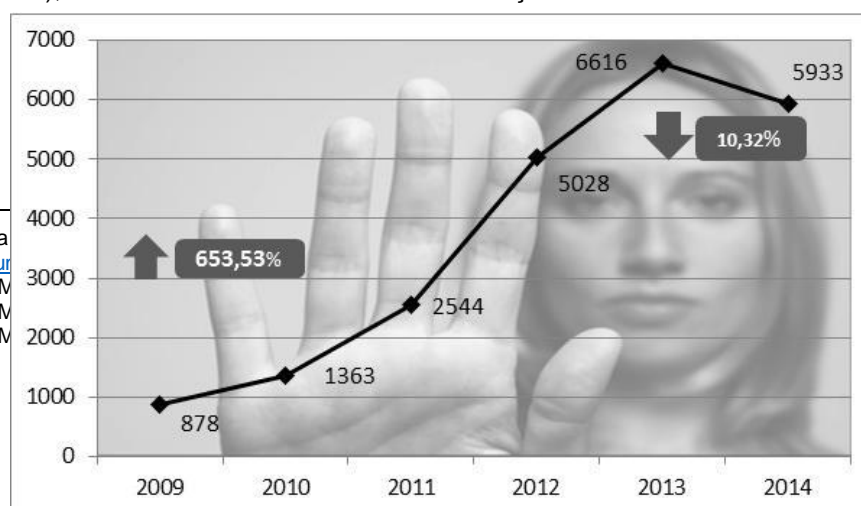
São de extrema relevância estudos que abordem essa temática e auxiliem no esclarecimento do evento, bem como suas características de ocorrência. Tendo em vista essas considerações este estudo teve por objetivo caracterizar as notificações de violência ocorridas contra a mulher no estado do Paraná entre 2009-2014, bem como a evolução temporal dos casos ocorridos.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Estudo quantitativo transversal utilizando dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) do Departamento de Informática do SUS (DATASUS), do Ministério da Saúde. A população foi constituída por todas as 22362 notificações de violência contra mulheres residentes no Paraná. Foram incluídas mulheres entre 15-59 anos. As variáveis de estudo foram: raça, escolaridade, tipo de violência (violência física, psicológica ou moral, tortura, violência sexual, espancamento, enforcamento), agressão com objetos contundentes, perfuro-cortantes, substância ou objeto quente, envenenamento, arma de fogo, ameaça, assédio sexual e estupro; quem foi o praticante da ação (pai, mãe, madrasta, padrasto, cônjuge, ex-cônjuge, namorado (a), ex-namorado (a), filho (a), irmão, amigo ou conhecido, cuidador, patrão, pessoa com relacionamento instável, policial ou agente da lei). Tipo de encaminhamento ao setor saúde e evolução dos casos. Para a análise foram feitas distribuições percentuais para variáveis categóricas e taxa de variação anual no período. Todos os aspectos éticos foram respeitados de acordo com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O total de notificações no período foi de 22.362. Observou-se ao longo dos anos um aumento no número de notificações (Figura 1), verifica-se ao analisar a taxa de variação entre 2009-2013 um aumento de 653,53%, no entanto, entre 2013-2014 ocorreu declínio de 10,32% no total de notificações.



¹ Enfermeira. Doutoranda fernanda.nishida@unicesumar.br

² Acadêmica do Curso de M

³ Acadêmica do Curso de M

⁴ Acadêmica do Curso de M

**Figura 1** – Distribuição das notificações de violência contra a mulher no Paraná 2009-2014**Fonte:** Sinan, 2015.

Do total de mulheres que sofreram algum tipo de violência 68,85% (N=15396) pertenciam à raça branca, seguido da cor/raça parda com 19,15% (N=4282). Em relação à escolaridade verifica-se que a violência ocorre mais em mulheres com escolaridade inferior a oito anos e naquelas sem escolaridade, totalizando em conjunto 43,15% (n=9648) (Tabela 1). Resultados semelhantes foram observados em estudo conduzido com mulheres de Ribeirão Preto (MARINHEIRO, VIEIRA, SOUZA, 2006).

Tabela 1: Distribuição das notificações de violência contra a mulher segundo escolaridade, 2009-2014, Paraná.

Escolaridade	N	%
Sem escolaridade	364	1,63
Ensino fundamental	9284	41,52
Ensino médio	6400	28,62
Ensino superior	1404	6,28
Ignorado/bco	4910	21,96
Total	22362	100

Fonte: Sinan, 2015.

O maior percentual referente ao local de ocorrência do agravo foi a residência com 69,50% (15542), seguido da via pública com 16,75% (3745). Do total de notificações, 46,37% (10370) das mulheres agredidas já haviam sofrido algum tipo de violência anteriormente. Em relação ao agravo mais prevalente verificou-se que violência psicológica e física são os tipos mais comuns em estudos que tratam do tema (MARINHEIRO, VIEIRA, SOUZA, 2006; SCHRAIBER et al, 2007). Nesse estudo 75,40% (16861) sofreram violência física, 46,13% (10316) violência psicológica ou moral, 12,83% (2868) violência sexual; 3,96% (885) torturas e 3,43% (768) sofreram violência financeira ou econômica.. A figura 2 evidencia que o espancamento foi o meio de agressão mais prevalente com 59,87% (13389), resultado corroborado em estudo conduzido no Rio de Janeiro onde 69,4% das mulheres sofreram agressões por espancamento (DESLANDES, GOMES, DA SILVA, 2000).

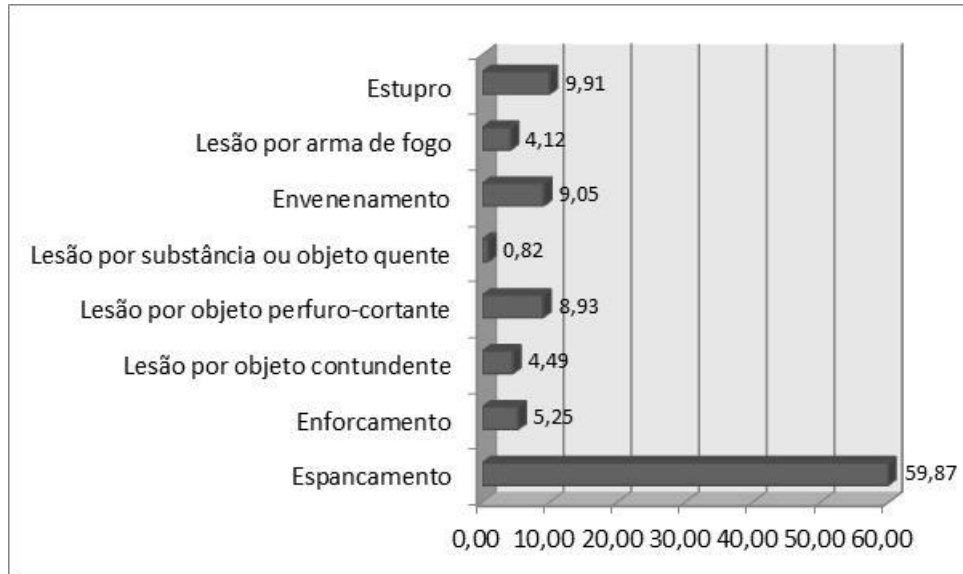


Figura 2 – Distribuição das notificações de violência segundo meio de agressão, Paraná 2009-2014
Fonte: Sinan, 2015.

Em relação aos agressores 31,82% (7115) das mulheres foram vítimas de seu cônjuge, 12,98% (2902) de desconhecido, 9,42% (2107) de amigos ou conhecidos e 9,24% (2067) de seu ex-cônjuge. Este mesmo perfil de agressor também foi observado no estudo de Deslandes, Gomes e Da Silva (2000). O encaminhamento dado após a agressão foi ambulatorial em 56,64% (12666) dos casos e hospitalar em 14,11% (3155). O desfecho foi a alta em 83,36% (18642), óbito por violência em 1,07% (239) e evasão ou fuga em 1,44% (322).

4 CONCLUSÃO

Conclui-se que a violência contra a mulher no Paraná é elevada, ocorrendo maiores proporções em mulheres brancas de baixa escolaridade. A violência contra a mulher é um crescente problema da saúde coletiva, sua magnitude evidencia a desigualdade de gênero e a emergente necessidade da elaboração de políticas públicas para redução, controle do problema e proteção das mulheres em situação de vulnerabilidade.

As repercussões desse problema se estendem além da saúde física e mental, além de contribuir para intensificação dos problemas familiares e sociais.

Os resultados desse estudo permitiram direcionar um olhar ao lamentável e frequente problema que a sociedade precisa enfrentar. Busca-se a divulgação dessas informações para melhor compreensão desse evento e que a busca de soluções para sua resolução sejam prioritárias.

REFERÊNCIAS

DESLANDES, Suely F.; GOMES, Romeu; DA SILVA, Cosme Marcelo Furtado Passos. Caracterização dos casos de violência doméstica contra a mulher atendidos em dois hospitais públicos do Rio de Janeiro Characterization of the cases of domestic violence against women assisted in two public hospitals. *Cad. Saude Publica*, v. 16, n. 1, p. 129-137, 2000.

MARINHEIRO, André Luis Valentini; VIEIRA, Elisabeth Meloni; SOUZA, Luiz de. Prevalência da violência contra a mulher usuária de serviço de saúde. *Rev Saúde Pública*, v. 40, n. 4, p. 604-10, 2006.

SCHRAIBER, Lilia Blima et al. Violência contra a mulher: estudo em uma unidade de atenção primária à saúde. *Rev Saúde Pública*, v. 36, n. 4, p. 470-7, 2002.

SCHRAIBER, Lilia Blima et al. Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. *Rev Saúde Pública*, v. 41, n. 5, p. 797-807, 2007.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and nonpartner sexual violence: Geneva, 2013.